



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Comercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEPEIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

5 annos depois

Alvoreceu o dia 13 de Outubro de 1922, polvilhado da luz de ouro do sol e embalsamado com suaves fragancias, como um dia formoso entre os mais formosos do Outono, sem uma nuvem a empannar o brilho do ceu e sem uma brisa agreste a fustigar a terra. Os sinos da capital acabavam de tanger compassadamente as nove horas. Na estação do Rocio numerosos peregrinos sobem apressadamente para o comboio da linha 4, que está prestes a partir. Entre elles destacam-se algumas das figuras mais distintas do laicado catholico: professores, medicos, advogados e jornalistas. Ouve-se o silvo estridente da locomotiva e o comboio põe-se em movimento. Nas estações do percurso surgem de vez em quando grupos de peregrinos ou peregrinos isolados. Em Santarem a lotação do nosso compartimento está completa. Em Torres Novas apeiam-se muitos peregrinos que no dia seguinte de madrugada partirão em trens, camions e automoveis para a terra do mysterio e do prodigio. Proseguimos a nossa viagem. Depois de longa demora no Entroncamento, o comboio recomeça a sua marcha e ás duas horas e meia apeamo-nos em Chão de Maças. Um carro, que aguardava a nossa chegada, conduz-nos rapidamente a Ourem. No dia immediato, após a missa e o *petit déjeuner*, seguimos para a Fatima, atravez da serra. Durante a noite tinha chovido bastante. A'quella hora, porém, nem uma gotta d'agua cahia do ceu, onde corriam velozes algumas nuvens que por vezes ensombavam o sol. Quando, já proximo de Fátima avistámos a estrada que liga Villa Nova d'Ourem áquella povoação, ficámos agradavelmente surpreendidos e sobremaneira encantados com o admiravel scenario que se desenrolava deante dos nossos olhos. Subiam a estrada, numa extensão de muitos kilometros, inumeros vehiculos de todas as especies e de todos os tamanhos repletos de gente. Eram

onze horas quando nos apeamos junto da egreja parochial.

Em torno d'ella o espectáculo é imponente. Lá dentro realiza-se a festa do Sagrado Coração de Jesus, festa sobremodo sympathica e commovente a que dá um realce e encanto extraordinario a solemnidade da primeira communhão das creanças.

Uma multidão compacta enchia literalmente o vasto e antiquissimo templo e apinhava-se na rua proximo das portas, impedindo o accesso. Mais de quarenta missas se tinham celebrado alli naquela manhã. A' missa solemne comungaram cerca de tres mil e duzentas pessoas incluindo as creanças. No largo terreiro adjacente á egreja vêem-se dezenas e dezenas



OS TRES VIDENTES DA FATIMA
FRANCISCO, LUCIA E JACINTA

de vehiculos. Cumprimentamos varios amigos e conhecidos que vão apparecendo de todos os lados. A chuva começa de novo a cahir, miudinha e impertinente! Querendo observar tudo minuciosamente, dirigimo-nos a pé para a Cova da Iria. Pela estrada, num percurso de dois kilometros e meio, circulam milhares de pessoas num vaevem continuo.

Tres quartos d'hora depois avistamos do meio da estrada o lugar, que, segundo os pastorinhos da visão, foi consagrado pela presença da Virgem Santissima. Uma enorme vaga humana, de muitos milhares de pessoas, rodeia a capella commemorativa das aparições, semi-destruida pelo nefando attentado de Março. De toda

a parte afluente a cada momento. De vez em quando um novo grupo de peregrinos vem occupar o seu posto junto da capella.

Todas as provincias de Portugal, desde o Minho e Traz-os-Montes até ao Alemtejo e Algarve, se acham aqui representadas, nesta grandiosa e incomparavel homenagem nacional de amor e reconhecimento á Virgem do Rosario. Lá veem os peregrinos do Porto e os de Lisboa, estes muito mais numerosos do que aquelles. A chuva cahe agora com violencia, mas ninguem se retira.

Pelo contrario, a immensa mole humana engrossava cada vez mais. Muitos peregrinos rezam o terço em grupos, alternadamente e em voz alta. Uma nobre senhora de Faro volta-se para o irmão, conego da Sé daquella cidade, e com os olhos marejados de lagrimas diz-lhe: «Este espectáculo impressiona-me e commove-me profundamente.» Subito, ouve-se o som argentino de uma campainha. E' o signal de que a missa campal vae começar. Celebra-a o vigario da vara de Ourem. Um sacerdote de Lisboa sobe a um pulpito improvisado e com voz sonora e vibrante profere durante o *Introito* os artigos do Credo que o povo repete com calor e entusiasmo, numa sentida e tocante profissão de fé. Em seguida principia a recitação do terço. Já não são grupos isolados que rezam. E' a oração unisona da multidão, o rumor fremente de um verdadeiro oceano d'almas. São dezenas de milhares de bocas que erguem as suas vozes para o Ceu fundindo-as numa prece collectiva á gloriosa Rainha do Rosario. Ouve-se de novo o som da campainha. E' o toque de *Sanctus*. A oração torna-se ainda mais intensa e fervorosa. E' que se aproxima o momento angusto e solemne da consagração. Jesus, o rei do Ceu e da Terra, está prestes a descer sobre o altar, á voz portentosa do ungido do Senhor. Logo que a campainha annuncia a realização do grande mysterio do amor de Deus, a multidão, no ardor da sua fé, curva-se reverente, ajoelha e adora o Verbo humanado, occulto aos olhos do corpo sob o veu das especies eucharis-

ticas. Do alto do pulpito resoam as invocações que o sacerdote profere, repetindo três vezes cada uma d'ellas.

Senhor, nós Vos amamos.

Senhor, nós Vos adoramos.

Senhor, nós esperamos em Vós.

Senhor, curae os nossos enfermos.

Sagrado Coração de Jesus, tende piedade de nós.

Hosanna, hosanna, hosanna ao filho de David.

O' Maria, saúde dos enfermos, rogae por nós.

Nossa Senhora do Rosario, abençoe o nosso Portugal.

Após as invocações canta-se o tocante «Adoremus in aeternum Sanctissimum Sacramentum.» Resada a ladainha de Nossa Senhora, ministra-se a Sagrada Communhão. Mais de duzentas pessoas, num fervor de extase, recebem em seus peitos a Jesus Hostia. O cantico popular «Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento da Eucharistia,» é repetidas vezes cantado por um côro a que a multidão responde alternadamente. «Fructo do ventre sagrado da Virgem purissima Santa Maria.» Ha quem veja signaes extraordinarios no ceu.

Terminada a Missa, sobe ao pulpito o rev. dr. Francisco Cruz, de Lisboa. Pronuncia algumas palavras, singelas e desataviadas, mas que penetram suavemente, até ao fundo dos corações. E' um santo que está fallando. A sua figura emaciada e ascetica, o seu ar acolhedor e calmo, de uncção e suavidade angelica, a fama das suas incomparaveis e assombrosas virtudes só por si, valem bem um longo e substancioso sermão.

Durante cerca de meia hora discorre com eloquencia apostolica sobre a devoção á Virgem do Rosario e encarece a necessidade da oração e da penitencia. Concluida a pratica, muitos peregrinos retiram. Mas a maior parte delles tem difficuldade em arrancar-se daquelle cantinho do Ceu que seduz e fascina as almas e prende e captiva os corações.

São talvez quarenta mil pessoas. Distribuem-se gratuitamente milhares de estampas de Nossa Senhora do Rosario e de exemplares da «Voz da Fátima» que são acolhidos com alvoroço e procurados anciosamente. Os trens, camions e automoveis vão partindo pouco a pouco.

As primeiras sombras da noite descem sobre a Serra. Sômente alguns raros grupos de pessoas dos arredores se conservam ainda em oração humilde e piedosa junto do padrão commemorativo dos successos maravilhosos. Entretanto ao longe, nas estradas e pelos atalhos da montanha, os peregrinos que regressam aos seus lares, depois de uma viagem longinqua e incommoda, vão murmurando as suas preces ou entoando os seus canticos religiosos com a alma a trasbordar de uma alegria que não é deste mundo e acariciando a fagueira esperanza de voltarem brevemente áquelle centro incomparavel de devoção e de amor á Virgem, onde ficaram presos para sempre os seus corações piedosos e agradecidos...

VISCONDE DE MONTELLO

Os tres videntes da Fátima Francisco, Lucia e Jacinta

Lucia de Jesus, a mais velha das tres creanças privilegiadas, tinha, na epocha das aparições, dez annos de idade, feitos em 22 de Março. Foram seus paes Antonio dos Santos, fallecido em 1918, e Maria Rosa dos Santos. Tem um irmão e quatro irmãs, todos mais velhos do que ella. Fez a sua primeira communhão aos oito annos. Está actualmente num collegio a educar, com acquiescencia e satisfacção da familia e a expensas de uma generosa senhora, que por ella se interessou. E' a verdadeira protagonista das aparições, pois só a ella se dignou fallar a Senhora mysteriosa.

Francisco Marto e Jacinta de Jesus Marto eram primos da Lucia e tinham aquelle nove annos e esta sete annos de idade. Os paes chamam-se Francisco Marto e Jacinta de Jesus Marto e moram, assim como a mãe da Lucia, no logarejo de Aljustrel, que fica situado a cerca de um kilometro da igreja parochial de Fátima, á esquerda da estrada que conduz á Cova da Iria. A Jacinta via a Aparição e ouvia distinctamente as palavras que ella pronunciava dirigindo-se á Lucia, mas nunca lhe fallou nem tão pouco a Aparição lhe dirigiu a palavra. O Francisco só via a Aparição, não ouvindo nunca o que ella dizia á Lucia, apesar de se encontrar á mesma distancia e de gozar dum excellente ouvido. As duas innocentes creanças já não pertencem a este mundo.

Francisco Marto adoeceu no dia 23 de Dezembro de 1918 com um ataque de bronco-pneumonia e morreu no dia 5 de Abril do anno seguinte, depois de se ter confessado e de ter recebido o Sagrado Viatico com os mais edificantes sentimentos de piedade. Os seus restos mortaes repousam em campa rasa no humilde cemiterio parochial de Fátima.

Jacinta de Jesus Marto, cahiu de cama a 23 de Dezembro de 1918, atacada igualmente pela mortifera pandemia que então grassava por todo o mundo.

Essa doença tão longa e tão cruel foi um verdadeiro martyrio para a pobre creança, que expiava no seu corpo innocente os peccados alheios.

Morreu em Lisboa, no hospital de D. Estephania, no dia 20 de Fevereiro de 1920, tendo-se confessado e commungado varias vezes durante a doença. Afirmou que Nossa Senhora lhe tinha apparecido por duas vezes dias antes, fazendo-lhe varias revelações, condemnando os exageros do luxo e as modas indecentes e declarando que o peccado que levava mais almas ao inferno era o peccado da carne. Os seus despojos mortaes foram encerrados em caixão de chumbo e transportados pelo caminho de ferro, para o cemiterio de Villa Nova d'Ourem.

V. de M.

Todas as grandezas da terra, todos os progressos materiaes, todas as pompas do mundo só valem quando servem de pedestal para d'elle se vêr melhor o Ceu.

Repetição do phenomeno solar de 1917?

No dia 13 de Outubro ultimo, em Fátima, no logar das aparições, durante a ultima parte da missa campal, algumas mulheres e raparigas do povo que estavam perto de nós não faziam senão olhar para o sol e proromper em exclamações de surpresa que traduziam a profunda commoção de que se achavam possuidas. A principio, nada dissemos e abstermo-nos, propositadamente, de olhar para o sol. Trata-se, pensámos nós, de uma illusão de creaturas simples e ingenuas ou de um phenomeno vulgar de auto-suggestão. Desejam ver e por isso mesmo julgam ver o que quer que seja de extraordinario no firmamento. Ao começar a pratica, as exclamações redobram de intensidade a ponto de não se poder ouvir o que o orador dizia. Perdemos então um pouco a serenidade, voltamo-nos para as pessoas que em grande numero olhavam commovidas para o ceu e dissemos bruscamente: «Olhem muito embora, mas façam favor de se calar e deixar ouvir o prégador».

Vimos então uma senhora de Lisboa, nossa conhecida, que não podendo conter por mais tempo a commoção deixou cahir as lagrimas copiosamente eolveu-nos um olhar que traduzia a pena que lhe causavam a nossa indifferença e rudeza. Apesar disso, fitámo-la com um ar severo, pretendendo significar-lhe dessa forma que tanto maior era a sua responsabilidade pelas affirmações que implicitamente fazia quanto a sua elevada cultura intellectual e educação religiosa aprimorada excediam a da pobre gente do povo, que imaginava ver signaes extraordinarios onde quando muito haveria meros effeitos de luz, mais apparentes do que reaes.

D'ahi a momentos, outra senhora, que estava ao nosso lado e que até então troçara de todos os que asseguravam estar vendo signaes mysteriosos no ceu, olhou para o sol e, depois, voltando-se para os circunstantes, disse num tom serio e grave: «Mas, realmente, vê-se agora o que quer que seja de extraordinario.» Decidimo-nos então a olhar de relance para o ceu e, com grande surpresa e estupefacção, vimos deante dos nossos olhos o phenomeno de 13 de Outubro de 1917 embora com menor intensidade e durante menos tempo e sem as explosões luminosas desse dia. Arrependermo-nos de ter sido tão severo e tão rude para com o proximo.

Concluidos os actos religiosos, traçamos discretamente impressões sobre os signaes do ceu com amigos nossos e outros peregrinos conhecidos, que nos pareciam pouco accessiveis ás influencias da suggestão e da auto-suggestão.

Muitos affirmavam ter visto os signaes, outros negavam, accrescentando estes, quasi todos, que não haviam olhado para o sol. No dia seguinte, na estação de Chão de Maçãs, um dos espiritos mais cultos de Portugal, com larga folha de serviços á causa da Igreja e da Patria, affirmou-nos ter visto durante a missa, um phe-

nomeno inteiramente identico ao de 1917, conforme o descreveram os jornaes daquelle tempo. Dias depois lemos em *A Epoque* de 16 de Outubro, numa chronica do enviado especial daquelle diario á Fátima, umas allusões desprimorosas para os que declaravam ter visto coisas estranhas, phenomenos indescriptiveis. Suppunha o jornalista que esses phenomenos eram productos de suggestão ou de credence ignorante, affirmava que tinha olhado o sol e não tinha visto nada e concluiu, dizendo que «não acreditava nessas cousas estranhas, nesses phenomenos indescriptiveis que alguns ingenuos de boa vontade julgavam ter visto».

No dia seguinte recebemos do nosso illustre interlocutor da estação de Chão de Maçãs, escripta da sua casa do Alemtejo, uma carta vibrante de indignação em que lamentava as expressões do reporter de *A Epoque*.

Quando acabámos de ler esta carta, escripta por uma grande figura da nossa terra, notavel pelo seu character, pelo seu saber e pelas suas virtudes, sentimos sinceros e vivos remorsos do nosso procedimento para com os pobres filhos do povo, de cuja simplicidade desdenhávamos, á semelhança do phariseu do Evangelho, negando como o dito reporter, mas com maior responsabilidade do que elle, o que os outros diziam ver, mas que nós ainda não víamos...

V. M.

As curas da Fátima

Abrimos neste segundo numero da *Voz da Fátima* uma nova secção subordinada á epigraphe «As curas da Fátima», em que todos os mezes iremos publicando, dentro dos limites compatíveis com a estreiteza do jornal, a descripção de curas interessantes de que temos conhecimento e de outras que os nossos presados leitores se dignarem comunicar-nos, desejando que o façam sempre com a maior somma possível de esclarecimentos, pormenores e indicações uteis para o estudo consciencioso do facto respectivo.

Como só a Santa Igreja tem auctoridade e competencia para reconhecer a sobrenaturalidade de qualquer cura extraordinaria, é claro que submettemos inteiramente ao seu juizo as afirmações e apreciações que neste logar se fizerem, estando dispostos, como filhos submissos, a repudiár tudo o que ella por ventura achar digno de censura no que aqui se escrever.

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao director da *Voz da Fátima*, o ex.^{mo} e rev.^{mo} sr. Dr. Manuel Marques dos Santos—Leiria.

Do nosso volumoso dossier sobre as curas de Fátima, extrahimos hoje os documentos que em seguida transcrevemos e que os amigos do nosso jornal certamente hão de ler com muito agrado.

«Quinta d'Otta—Correio d'Otta—... Sr. Visconde de Montello—Junto envio a V. a descripção dum milagre de Nossa Senhora da Fátima, pe-

dindo a V. o favor de o publicar quando lhe fôr possível. Na ocasião em que o meu sobrinho esteve doente apparecia no semanario catholico *A Guarda* uma série de artigos em que se narravam alguns milagres attribuidos á intercessão da mesma Senhora da Fátima e cuja leitura me suggeriu a idéa de recorrer á Santissima Virgem sob essa invocação, promettendo enviar a V. a descripção do facto, se Ella se dignasse ouvir-me. Já ha mais tempo devia ter cumprido este meu dever, mas ignorava para onde havia de remetter a carta. Justamente agora tive conhecimento do livro publicado por V., com o titulo: *Os episodios maravilhosos da Fátima* e nelle vejo a maneira de me dirigir a V.—Pedindo mil desculpas da minha ousadia, subscrevo-me com toda a consideração de V., etc.

D. Maria do Carmo da Camara (Belmonte)

Segue o documento a que se refere a carta que precede:

«*Graça alcançada por intercessão de Nossa Senhora do Rosario da Fátima. — Em principios de Maio de 1919 tinha um sobrinho gravemente enfermo. Era de compleição bastante fraca e, tendo já 13 mezes, ainda não tinha dente nenhum. Grandes eram as minhas apprehensões e o medico não tinha duvidas sobre a gravidade do seu estado. Que fazer nesta afflicção? Invocar Maria Santissima do intimo d'alma para que intercedesse por mim junto de seu Divino Filho e dispensasse a sua maternal protecção ao innocentinho. Tinha conhecimento da protecção da Santissima Virgem sob a invocação de Nossa Senhora da Fátima pelo relato publicado no jornal «A Guarda». Com este novo titulo a invoquei e, tendo collocado sob o travesseiro da creança uma porção de terra do logar das aparições, constatei que, logo depois, sem incommodo, lhe appareceu o primeiro dente, e o segundo justamente no dia treze de Maio, anniversario da primeira aparição. O seu estado geral melhorou e a dentição continuou a fazer-se bem. Assim fui levada a reconhecer que mais uma vez a gloriosa Mãe de Deus por este facto, que considero miraculoso, manifestou a sua protecção a quem assim a invoca, para que desapareçam as duvidas que se levantam sobre a realidade da sua aparição em Fátima. Fiz promessa de, sendo ouvida a minha prece, tornar publica a narração que acabo de fazer, pois creio, emquanto a Igreja não disser o contrario, que mais uma vez em Fátima a Santissima Virgem veio á terra escolher sitio onde um novo santuario lhe seja dedicado, para que seus filhos saibam ser fervorosos no cumprimento dos seus deveres de christãos e caminhar pela estrada da virtude, que é a que conduz á possível felicidade neste valle de lagrimas e á verdadeira e eterna felicidade do Ceu.*

D. Maria do Carmo da Camara (Belmonte)—Quinta d'Otta, 22—XI—921.

V. de M.

PROVISÃO

JOSÉ ALVES CORREIA DA SILVA, POR GRAÇA DE DEUS E DA SANTA SÉ, BISPO DA DIOCESE DE LEIRIA:

AOS QUE ESTA NOSSA PROVISÃO VIREM: SAUDE, PAZ E BENÇÃO EM JESUS CHRISTO, NOSSO SENHOR E SALVADOR:

(Continuação)

TODAS estas generalidades sobre o milagre vêm a proposito do muito que se tem dito e até escripto sobre certos factos passados na Cova da Iria, freguesia da Fátima, vigairaria e concelho d'Ourem.

Não é nem pode ser indifferente á acção pastoral que fomos chamados a desempenhar nesta diocese de Leiria qualquer facto que se ligue com o culto da nossa Santa Religião.

Mais ou menos todos os dias, mas especialmente no dia 13 de cada mês, ha na Fátima grande concorrencia de pessoas vindas de toda a parte, pessoas de todas as categorias sociais que vão ahí orar e agradecer á Senhora do Rosario beneficios que, por seu intermedio, têm recebido.

Conta-se que no ano de 1917 houve alli uma serie de phenomenos presenciados por milhares de pessoas de todas as classes da sociedade e annunciados com bastante antecedencia por umas creancinhas rudes e simples a quem, diziam, a Senhora apparecera e fizera certas recommendações.

Dahi em diante não mais deixou de haver concorrencia.

Das três creanças que se diziam favorecidas pela Aparição, faleceram duas antes da nossa entrada nesta Diocese.

Interrogamos varias vezes a unica sobrevivente.

A sua narração e as suas respostas são simples e sinceras—nelas não descobrimos nada contra a fé e moral. Poderia exercer aquella creança, hoje de 14 anos, uma influencia tal que explicasse a concorrencia do povo? Disporia ella de tal prestigio pessoal que alli arrastasse aquelas massas humanas? Impor-se-ia pelas suas qualidades precoces a ponto de fazer convergir para junto d'ela tantos milhares de pessoas?

Não é provavel—tratando-se de uma creança sem instrução de especie alguma e d'uma rudimentarissima educação.

Demais a mais a pequena saiu da terra, nunca mais lá appareceu—e não obstante o povo acorre ainda em maior numero á Cova da Iria.

Explicará por ventura este ajuntamento o aprasivel e pitoresco do local? Não. E' um sitio ermo, vulgar, sem arborisação, sem agua, longe do caminho de ferro, perdido nas dobras d'uma serra, despido de todos os atractivos naturaes.

Irá o povo por causa da Capela? As pessoas devotas tinham edificado alli uma pequena ermida, tão pequenina que nem se podia celebrar a Santa Missa dentro d'ella.

No mês de fevereiro d'este ano, uns infelizes cuja má acção a Virgem Santissima perdôe, foram lá de noite e com bombas de dinamite destruíram-na, lançando-lhe em seguida o fogo.

Aconselhamos a que não se reedificasse—não só na previsão de novos atentados, mas tambem porque queriamos experimentar os motivos que levam ali tamanho ajuntamento de povo.

Pois bem. Longe de diminuir, a multidão é de cada vez mais numerosa.

A Auctoridade ecclesiastica tem-se mantido na expectativa. O Rev. Clero desde o principio absteve-se de tomar parte em qualquer manifestação: apenas ultimamente permitimos que houvesse lá uma Missa resada e sermão nos dias de grande concorrencia popular.

A Auctoridade civil tem empregado todos os meios—inclusive as perseguições, prisões e ameaças de toda a ordem para acabar com o movimento religioso naquele logar. Todos esses esforços têm sido infructiferos. E ninguem poderá afirmar que a Auctoridade ecclesiastica impulsione a fé nas Aparições muito pelo contrario. Em vista de quanto acabamos de expôr, pare-

ce-nos ser nossa obrigação estudar e mandar estudar este caso, e organizar o processo segundo as leis canónicas.

Para este efeito nomeamos a seguinte Comissão:

Rev. João Quaresma, Vigário Geral da Diocese.

Rev. Faustino José Jacinto Ferreira, Prior do Olival e Vigário da Vara de Ourem.

Rev. Dr. Manuel Marques dos Santos, Professor do Seminário.

Rev. Dr. Joaquim Coelho Pereira, Prior da Batalha.

Rev. Dr. Manuel Nunes Formigão Junior, Professor do Seminário Patriarchal, com auctorisação de S. Em.ª.

Rev. Joaquim Ferreira Gonçalves das Neves, Prior de Santa Catharina da Serra.

Rev. Agostinho Marques Ferreira, Parocho da Fátima.

Esta Comissão agregará a si ou proporrá a nomeação de peritos (c. 2088, § 3; 2113 § 1 e 2).

Nomeamos o Rev. Dr. Manuel Marques dos Santos promotor da Fé, o qual receberá, segundo as regras do Direito, o depoimento de testemunhas quanto possível occulares (c. 2040).

Para auxiliar o R. Promotor da Fé nomeamos como notario, o R. Manuel Pereira da Silva, Professor do Seminário.

Ordenamos a todos os fieis da nossa Diocese (c. 2023-2025) e pedimos aos de Dioceses extranhas que deem conta de tudo quanto souberem quer a favor quer contra as aparições ou factos extraordinarios que lhes digam respeito, e testifiquem especialmente se nellas houve ou ha qualquer exploração, superstição, doutrinas ou cousas deprimentes para a nossa Santa Religião.

Qualquer dos membros da Comissão fica auctorisado a receber nomes dos que vem ou querem depôr, os quaes serão chamados na devida altura.

A primeira lei da historia, afirmava o grande Papa Leão XIII, é nunca dizer falsidades; a segunda é nunca reear dizer a verdade.

A Igreja tem sêde de verdade, porque foi fundada por Aquelle que disse: «Eu sou a verdade.»

Por isso, se os factos, passados na Fátima, que se apontam como sobrenaturaes, são verdadeiros, agradecemos a Nosso Senhor que se dignou mandar-nos visitar por sua Santissima Mãe para augmentar a nossa fé e corrigir os nossos costumes;—se são falsos, conveniente é que se descubra a sua falsidade.

Nos tempos de duvida e desorganisação que atravessamos, é de tal importancia julgarmo-nos e estar de posse da verdade que esta consciencia basta para resistir a todas as contrariedades e vencer todos os obstaculos.

A duvida enerva e mata; a verdade alenta e vivifica.

A verdade é a grande força que a Igreja tem possuido sempre e ninguem lh'a tira.

Podem armar contra ella perseguições e fazer correr rios de sangue; podem arrancar lhe os bens materiaes e reduzi-la á mendicidade;—escarnece-la e ludibriá-la. A Igreja, de posse da verdade, fica de pé no meio do tumulo dos seus perseguidores.

Continuemos a invocar a Virgem Mãe do Céu, sejamos exactos no cumprimento dos nossos deveres christãos, sejamos catholicos de palavras e de obras, espalhemos a Oração do S. Rosario e esperemos pelo Juizo da Santa Igreja, certos de que este será o echo do Juizo de Deus.

Esta nossa Provisão será lida em todas as igrejas e capellas da Nossa Diocese para que d'ella todos tomem perfeito conhecimento.

Leiria, 3 de Maio, dia da Invenção da Santa Cruz, de 1922.

† JOSE, BISPO DE LEIRIA

MEZ DAS ALMAS

Judas Machabeu, após um combate em que pereceram os seus soldados, mandou fazer um peditorio e enviou para Jerusalem as esmolas colhidas, afim de se offerecer um sacrificio pelos soldados mortos em

campanha— pois é um santo e salutar pensamento orar pelos mortos para que sejam livres de seus peccados. Tal era a crença na efficacia do sacrificio, da oração e das obras boas para suffragar as almas dos mortos.

Noosso Senhor Jesus Christo, longe de reprovar esta crença— confirmou-a e recomendou-a. Os Apostolos prégarão zelosamente e encareceram esta devoção. *Ajuntae-vos, dizem as Constituições Apostolicas, nos cemiterios, fazei a leitura dos livros sagrados, cantae Psalmos em honra dos martyres e de todos os santos, e tambem por vossos irmãos que morreram no Senhor— e offerecei depois a Eucaristia.*

Esta devoção atravessou todos os seculos e fixou-se em todos os paises. O culto dos mortos mereceu a todos os povos o mais carinhoso acolhimento. Fundaram-se irmandades e confrarias de socorro ás bemditas Almas do Purgatorio, instituiram-se legados pios e anniversarios, multiplicaram-se as devoções, e os Summos Pontifices e Prelados da Santa Igreja não se cançaram de exhortar os fieis á applicação dos suffragios pelos mortos. E os fieis acudiram sollicitamente á voz dos seus Pastores. E' bem tocante o costume das *ementas*, em que todos os domingos são lembradas á piedade das familias as almas das suas obrigações. Pelas ridentes aldeias do Minho é frequente encontrar, á borda dos caminhos, uns pequenos nichos de pedra, cobertos com a sombra d'um secular castanheiro nos quaes por baixo d'uma pintura representando o Purgatorio se lê o comovido brado: «O' vós que ides passando, lembrae-vos de nós que estamos penando». E o caminhante aproveitando a sombra benefica para repousar, ora pelos seus queridos defuntos e deixa uma pequena esmola no nichosinho. Aqui na Extremadura é deveras impressionante ouvir o *clamor das Santas Almas*, que os rapazes dos diferentes logares das paroquias vão entoando de porta em porta, n'uma romagem enternecedora, colhendo esmolas para mandarem rezar missas pelas Almas.

Hoje. . .

Os cuidados absorventes do comercio e do industrialismo, a sêde de enriquecer e a ancia de subir na escala social, irão arrefecer o culto dos mortos? lançar no esquecimento as Almas que soffrem no fôgo do Purgatorio?

Conservemos intacto o thezouro de devoção que recebemos de nossos paes e leguemo-lo aos nossos vindouros.

As Almas do Purgatorio soffrem lá tormentos inauditos. O fôgo que as abraza não é menos intenso, no dizer de alguns theologos, que o do Inferno, com a differença só de ser temporario e temperado pela esperança segura da libertação d'aquelle tenebroso carcere.

Socorrer as Almas do Purgatorio! Assim o exige a gloria de Deus, que no Ceu ternamente aguarda os

seus eleitos; assim o exige a nossa gratidão, que não pôde ser indiferente aos queixumes d'aqueles que no mundo sumamente se interessaram por nós; assim o exige o nosso proprio interesse que, junto de Deus, terá os melhores defensores nas almas que libertarmos por nossos suffragios.

A. M.

Voz da Fátima

Despesa

Composição, impressão e papel de 6:000 exemplares do 1.º numero.	220:000
Clichés e outras despesas	43:900
Soma.	263:900

Subscrição

Transporte.	550:000
Augusto Reis.	5:000
Dr. Luiz d'Oliveira.	15:000
Anonimo.	10:000
Dr. A. F. Carneiro Pacheco	20:000
D. Emilia Neves.	10:000
Padre Jacinto A. Lopes. . .	10:000
D. Filomena Miranda . . .	10:000
Anonimo	4:400
P.º M. Marques Ferreira	10:000
D. Joaquina A. Pinto Baptista	10:000
Um grupo de seminaristas de Viseu.	10:000
D. José Maria de Figueiredo da Camara (Belmonte)	10:000
Giberto F. dos Santos . .	10:000
D. Maria da Conceição Alves de Matos	10:000
Manuel Antonio Lopes. . .	10:000
Anonimo	7:500
D. Maria Eduarda Vasques da Cunha.	10:000
D. Laura de Avelar e Silva	20:000
D. Leonor de Constancio	12:000
Padre João F. Quaresma	10:000
Padre J. F. Gonçalves das Neves.	10:000
D. Anna Corrente Soares	10:000
Condessa de Mendia. . . .	10:000
Padre Augusto José da Trindade.	10:000
D. Maria d'Apresentação	20:000
D. Gonçalves	20:000
Padre Manuel António da Conceição	10:000
D. Magdalena R. Mendes de Matos	10:000
D. Luiza Magdalena d'Albuquerque.	10:000
D. Maria Julia Marques Ferreira.	5:000
Manuel Ribeiro da Silva	10:000
D. Amelia L. Mendonça	10:000
D. Aurora Barbara Char- ters d'A. Lopes Vieira	10:000
Padre Candido Maia	10:000
D. Carolina Isaura Lopes Cardoso.	6:000
D. Albertina Cardoso. . . .	2:000
D. Maria Joana Patricio . .	10:000
José d'Oliveira Dias	15:000
Soma.	931:900

O nosso jornal é distribuido gratuitamente nos dias 13 de cada mês na Fátima.

Quem enviar a esta redacção a quantia de dez mil réis terá direito a ser-lhe enviada *A Voz da Fátima* pelo correio durante um anno.